



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

PAMMELA GABRYELLE PEREIRA COELHO

**A DINÂMICA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DE MÃES SOBREVIVENTES DO
SUICÍDIO DE UM FILHO E AS SUAS REPERCUSSÕES FAMILIARES**

CAMPINA GRANDE

2022

PAMMELA GABRYELLE PEREIRA COELHO

**A DINÂMICA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DE MÃES SOBREVIVENTES DO
SUICÍDIO DE UM FILHO E AS SUAS REPERCUSSÕES FAMILIARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. A Dra. Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C672d Coelho, Pammela Gabryelle Pereira.
A dinâmica de elaboração do luto de mães sobreviventes do suicídio de um filho e as suas repercussões familiares [manuscrito] / Pammela Gabryelle Pereira Coelho. - 2022.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Sobreviventes do suicídio. 2. Luto. 3. Repercussões familiares - suicídio. I. Título
21. ed. CDD 155.937

PAMMELA GABRYELLE PEREIRA COELHO

**A DINÂMICA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DE MÃES SOBREVIVENTES DO
SUICÍDIO DE UM FILHO E AS SUAS REPERCUSSÕES FAMILIARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: 01/12/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Livânia Beltrão Tavares (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. [Sibelle Maria Martins de Barros](#)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À meu amado pai, que de forma súbita se foi, mas que deixou em mim a marca da saudade eterna, me levando a buscar incessantemente pela compreensão acerca do luto e de como vivenciá-lo de maneira tão significativa. À minha mãe e irmãos, que como eu, vivenciaram tamanha dor. À meu esposo, que diariamente é desafiado a adaptar-se a dor da perda de sua querida mãe,

DEDICO.

"Dai palavras à dor. Quando a tristeza perde a fala, sibila ao coração, provocando de pronto uma explosão..."

- William Shakespeare

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação de resultados por base de dados e etapa de busca

Tabela 2 - Distribuição das produções por ano de publicação, período de abrangência, tipo de estudo, autores, e base de dados correspondentes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	14
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
3.1	MORTE POR SUICÍDIO E COMPLICAÇÕES NA ELABORAÇÃO DESSE LUTO.....	17
3.2	PECULIARIDADES DO LUTO DOS SOBREVIVENTES.....	20
3.3	REPECURSSÕES EM FAMILIARES PÓS SUICÍDIO.....	23
3.4	CULPA MATERNA E ELABORAÇÃO DO LUTO DE UM FILHO.....	24
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS	27

A DINÂMICA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DE MÃES SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO DE UM FILHO E AS SUAS REPERCUSSÕES FAMILIARES

THE DYNAMIC OF ELABORATION OF THE GRIEF OF MOTHERS SURVIVORS OF THE SUICIDE OF A CHILD AND ITS FAMILY REPERCUSSIONS

Autor: Pammela Gabryelle Pereira Coêlho ¹

RESUMO

Tratando-se sobre morte geralmente tem-se uma atmosfera envolvida por tabus, configurando-se como um tema evitado, interdito. Isso intensifica com a morte por suicídio, que é repleta de estigmas e preconceitos. Diante desse panorama, é possível afirmar que a perda por suicídio possui peculiaridades, que deixam profundas marcas nos enlutados, geralmente chamados na literatura de “sobreviventes”. Diante disso, este trabalho de conclusão de curso, realizado para aquisição de título de bacharel em psicologia pela UEPB, se deu por meio de uma revisão sistemática da literatura, e buscou sintetizar, analisar e discutir acerca das evidências dos últimos cinco anos sobre a mãe e a família que perde alguém por suicídio. Percebeu-se que trata-se de um luto que é acompanhado de muita vulnerabilidade, permeado de culpa, vergonha e isolamento, onde muito comumente os enlutados são desamparados socialmente. Além disso, percebeu-se a necessidade de debater políticas de prevenção e repensar algumas de prevenção, tendo em vista que os sobreviventes possuem fatores de risco para desenvolverem um luto complicado ou, ainda, de cometerem suicídio.

Palavras-chave: Sobreviventes. Suicídio. Culpa. Luto.

ABSTRACT

When dealing with death, there is usually an atmosphere surrounded by taboos, configuring it as an avoided, forbidden topic. This intensifies with death by suicide, which is full of stigma and prejudice. In view of this panorama, it is possible to state that the loss by suicide has peculiarities, which leave deep marks on the bereaved, generally called “survivors” in the literature. In view of this, this course conclusion work, carried out for the acquisition of a bachelor's degree in psychology by UEPB, was carried out through a systematic review of the literature, and sought to synthesize, analyze and discuss about the evidence of the last five years about the mother and

¹ Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba
pammela.coelho@aluno.uepb.edu.br

the family that loses someone to suicide. It was noticed that this is a grief that is accompanied by a lot of vulnerability, permeated with guilt, shame and isolation, where the bereaved are very commonly socially helpless. In addition, there was a need to discuss postvention policies and rethink some prevention policies, given that survivors have risk factors for developing complicated grief or even committing suicide.

Keywords: Survivors. Suicide. Fault. Mourning.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Elisabeth Kubler-Ross (2017), o medo da morte é universal. É um fato que amedronta e apavora. Estar diante de um fato inexorável, de perda irreversível assusta, além de evidenciar a limitação humana. Isso parece ser um dos motivos que torna a discussão sobre a morte tão evitada, mórbida e, ainda, um tabu (KUBLER-ROSS, 2017, p. 13-18).

Além disso, Lopes e Milani (2016, *apud* PEREZ, 2016) afirmam que a temática da morte é evitada devido a um intuito de esquivar-se do sofrimento e até mesmo da má sorte, do azar. Nesse caso, percebe-se a influência das superstições e religiosidade na percepção mórbida da morte.

A medicina, de certa forma, tem trabalhado nisso, já que sempre buscou distanciar o homem de sua morte. Pode-se perceber isso ao se retomar à Primeira Revolução da Saúde, conhecida por estabelecer medidas de saúde, adotadas por meio do modelo biomédico, para conter a disseminação de inúmeras enfermidades infecciosas que assolavam a época, como a tuberculose. Dessas medidas, inclui-se a imunização contra infecções e as estratégias sanitárias, como a canalização de águas e esgotos, coleta de lixo e mudanças nas estruturas dos hospitais gerais, como a expansão da ventilação nos espaços (RIBEIRO, 2011, p. 46). Todas essas ações tinham o intuito de avançar nos cuidados à saúde, reduzindo o número de mortalidade da época.

Esses esforços da medicina continuam de forma acelerada, e prova disso é o movimento que a saúde está tomando, onde o número de idosos está cada vez maior, e o principal fator atrelado é a cronicidade das doenças, pois antes, quando a taxa de mortalidade era devastadora as enfermidades eram agudas, mas, com as tecnologias das últimas décadas como vacinas, quimioterapias, o ser humano passa a ter mais chances de adiar a sua morte. É compreensível, então, que haja um medo e um assombro para lidar com essa temática. A maioria das pessoas tendem a evitar até mesmo conversar sobre ela.

Assim como a morte, o tema do suicídio é um tabu, por exemplo quando se acredita que a sua discussão pode incentivar o ato. Além de que possa gerar azar às pessoas que toquem no assunto (PERES et al., 2016, p. 11). É nessa discussão que se insere a complexidade e contrariedade do suicídio. Como, então, compreender alguém que decide tirar a sua própria vida, antecipando a sua morte?

O suicídio é geralmente acompanhado de uma atmosfera polêmica, e isso muito se explica devido a sua essência transgressora (MARQUETTI, 2014). Ariès (1989) afirma que o suicídio subverte o padrão de morte ocidental, que tem características discretas, silenciosas, íntimas, e que muitas vezes ocorre no ambiente hospitalar. Entretanto, a morte por suicídio passa a ter uma configuração exposta, polêmica, indiscreta, podendo ocorrer, inclusive, em espaços públicos (ARIÈS, 1989 *apud* MARQUETTI, 2014). Dessa forma, é perceptível como o fenômeno do suicídio contraria o caráter interdito da morte. Além disso, de acordo com Kovács (2013) o suicídio é um estigma social, o que potencializa a sua expressão acobertada.

Outro fator que colabora para essa percepção do suicídio como uma controvérsia, ou um fenômeno socialmente incompreendido é que, via de regra, há nos humanos uma busca incessante pela vida, e não pela interrupção precoce dela. Segundo Andréa Lopes Peres (2016), há no suicídio, uma violação aos instintos humanos de sobrevivência.

Historicamente, as práticas suicidas tiveram as suas representações sociais alteradas por diversas vezes. Antes do monoteísmo, era comum a percepção de suicídio como bravura ou atitude heróica. Tempos depois, observa-se outro caráter do suicídio, o de ser passível de condenação.

Nem sempre a legitimação do suicídio partia de uma decisão de caráter pessoal, já que na Grécia pré-cristã, e semelhantemente em Roma, o sujeito para cometer o ato, havia como condição a autorização do restante da comunidade. A transgressão relacionada ao suicídio não era a sua realização em si, mas sim, a de cometê-lo sem aprovação prévia (RIBEIRO, 2003 *apud* PERES, 2016).

Após a consolidação do cristianismo, a condenação pelo suicídio continuava, e só foi descriminalizado depois da Revolução Francesa, passando a ser visto com o olhar psiquiátrico (PERES, 2016).

Deve-se esclarecer que o fenômeno do suicídio é permeado por discussões éticas, que talvez possam reforçar a estigmatização desse tema. À exemplo, tem-se a multiplicidade de discursos na saúde mental, que demonstram um parecer acerca do desejo e ato suicida. Kovács (2013) pontua que existem profissionais deste nicho que percebem o suicídio como um ataque, já que são formados para salvar vidas, e lidar com pacientes que desejem interrompê-la pode parecer ambíguo, o que retoma a transgressão social do suicídio. Ao ocorrer o ato suicida, mesmo durante o processo de assistência médica, pode desencadear sentimentos de culpa e raiva na equipe e nos familiares, de acordo com Mello-Santos e Botega (2010) *apud* Kovács (2013).

Em tal perspectiva, observa-se a busca incessante pela valorização da vida, onde o suicídio não é uma decisão aceitável. No entanto, há uma discussão bioética que perpassa essa temática, já que existem outras referências que discutem acerca da autonomia e liberdade do sujeito, como Solomon (2002), que defende a liberdade da pessoa escolher acerca de sua vida. Percebe-se que essa perspectiva vai em contramão aos discursos de que os profissionais de saúde têm uma responsabilidade em impedir suicídios a todo custo, ou que podem discutir se uma vida vale a pena ser ou não vivida. Kovács (2013) cita que para aqueles que defendem a

autodeterminação do sujeito, o suicídio parece ser um direito do indivíduo. Neste caso, é clara a delicadeza do tema, e como há uma variedade sobre a maneira de se considerar o suicídio.

Estima-se que mais de um milhão de pessoas se suicidam a cada ano, mundialmente (CFP, 2013). Outrossim, o suicídio é a terceira causa de morte entre pessoas de 15 a 34 anos (TURECKI, 1999 *apud* PERES, 2016), o que o classifica como um problema de saúde pública, segundo Botega (2007). Pessini (2006, *apud* KOVÁCS, 2013) aponta que o suicídio mata mais do que grandes tragédias, como guerras e desastres naturais. É imprescindível salientar que os números não retratam a realidade, pois muitos casos são subnotificados, e além disso, por proteção a família, para não reforçar o sentimento de culpa e proteger a imagem do ente falecido, Beninca e Rezende, 2006 (*apud* KOVÁCS, 2013) informam que não é incomum que quando as mortes são em decorrência de comportamentos autodestrutivos não são notificados como suicídio.

Deve-se ressaltar que apesar deste trabalho focar nas repercursões do ato suicida em si, a temática do suicídio envolve um vasto espectro, como aponta Barros (2013), que tal fenômeno abrange desde um pensamento expressado de forma verbal ou não, a um planejamento, uma tentativa, ou ainda, a própria morte.

Tratando-se desta, o ato de interromper a própria vida, intencionalmente, tem sido alvo de uma miríade de explicações, como no caso da tese que explica a dimensão intrapsíquica do ato suicida, onde esse é mais como uma alternativa para findar uma dor emocional, um sofrimento, do que para encerrar a própria vida (PERES, 2016). Manhães (1990), mencionado por Lopes e Milani (2016) trazem que o objetivo do suicida não é a morte, pois ela é, na verdade, um meio, um instrumento para alcançar uma saída de um conflito que tortura, que é agressivo e perturbador. Sobre isso, cabe salientar que em muitos casos, de fato, existe uma ambivalência entre desejar permanecer vivo e morrer (KOVÁCS, 1992).

Existem estudos que sustentam a ideia de que podem existir fantasias nas ideações e tentativas suicidas, como aponta Cassorla (2004, *apud* KOVÁCS, 2013), é possível que o suicídio seja um meio para, por exemplo, se punir devido a alguma culpa, a tentativa de se reencontrar com um ente perdido, um pedido de ajuda, etc.

Outros autores, ainda, o apontam como uma evolução de quadros psicopatológicos, já que há grande incidência de tentativas de suicídio nos transtornos psiquiátricos, como o depressivo maior e o de dependência de álcool e/ou outras substâncias (LESAGE et al, 1994 *apud* TURECKI, 1999, p.19).

Também são recorrentes as visões que retratam para além das questões intrapsíquicas, expondo as implicações sociais na decisão do suicídio, pois segundo Lopes e Milani (2016), a escolha pelo suicídio extrapola a dimensão pessoal, pois é atracada em um panorama de condições sociais negativas que influenciam a sua escolha e que, ainda, proporcionarão repercursões coletivas. O sociólogo Durkheim também defende o suicídio como fenômeno social (PERES, 2016).

Por fim, existem teorias que apontam que o ser humano possui uma característica natural de autodestruição (PERES, 2016), e que isso é comum,

inclusive, nos comportamentos cotidianos, como à adesão de estilos de vida disfuncionais, como não ir aos serviços de saúde, o uso de cigarros, etc (CASSORLA, 1992). Assim, é possível notar o fenômeno do suicídio como multifatorial, não tendo uma causa e explicação única (FUKUMITSU, 2019).

Independentemente das múltiplas causas, o suicídio repercute intensamente na vida dos que ficam, gerando impacto coletivo, como supracitado. Peres (2016) aponta que, de acordo com a SPS, um único suicídio é capaz de afetar 100 pessoas, direta ou indiretamente. Há nesse fenômeno um potencial causador de sofrimento e desorganização aos que ficam, os enlutados. Muito comumente chamados de “sobreviventes”. Termo norte americano, cunhado para abarcar a concepção de que aquele que perdeu alguém por suicídio sofre por isso, mas também, pelo fato de que têm uma história que precisa continuar ainda que esteja carregada pelo evento do suicídio (FUKUMITSU, 2019).

De acordo com Peres (2016) é possível que as famílias que sofreram uma perda acarretada por suicídio se silenciem por medo de julgamentos, e acabam sofrendo sozinhos. A autora também deixa claro que a culpa é um sentimento comum nesses casos, pois os familiares passam a se sentirem responsáveis, ao questionar como não conseguiram perceber antes as pistas que o falecido possivelmente deixava, ou ao se perguntarem como não puderam fazer algo para evitar o ato.

Aos que ficam, há o sofrimento em lidar com a perda, isto é, com a experiência de elaboração do luto. Muitos autores concordam que o luto é uma reação mediante a uma perda significativa (BROMBERG, 2000 *apud* ROCHA, 2007). Freud (1974) amplia a percepção de perda, que ultrapassa a dimensão da morte de um ente querido, e se estende a qualquer objeto de investimento libidinal, como nos casos de perdas simbólicas (ROCHA, 2007).

Deve-se ressaltar que o luto é um processo esperado quando há a experiência da perda, portanto, configura-se como uma reação natural (BROMBERG, 1996 *apud* ROCHA, 2007). Além disso, é um processo particular de cada um, ou seja, a dinâmica da elaboração do luto, a sua duração, intensidade, implicações, dependerá de cada sujeito, sendo influenciado por fatores sociais, familiares, culturais, etc.

Acerca disso, Rocha (2007) explica que Bowlby teorizou sobre variáveis que possam influenciar a elaboração do luto, que correspondem ao ente falecido e ao enlutado. Quanto ao falecido, percebeu-se que sua idade, o seu papel desempenhado nas relações, suas características identitárias, e as condições de sua morte, isto é, se foi repentina, violenta, se foi em decorrência de suicídio, interferem no processo de elaboração do luto. Já em relação ao enlutado, Bowlby observou que a sua idade, sexo, contexto social, condições psicológicas no período da morte, sua personalidade e os estilos de enfrentamento adotadas em situações de estresse, podem colaborar para o desenvolvimento saudável ou não do luto.

Quanto ao curso do luto, e à sua ideia de processo, muitos teóricos classificam-no por meio de fases, como Elisabeth Kubler-Ross (2008) - negação, raiva, barganha, depressão, aceitação - e Bowlby (1998) - entorpecimento, anseio, desespero e recuperação/restituição -. Independentemente da divisão dessas fases, deve-se salientar que isso não implica na obrigatoriedade de o sujeito passar,

respectivamente, por todas as fases, em linearidade, pois isso variará de acordo com o enlutado e a sua subjetividade (PARKES, 1998 *apud* ROCHA, 2007).

Sobre tal perspectiva de fases, Freitas (2000) afirma que considerar que o sujeito transita por fases sucessivas de luto, pode denotar uma atuação passiva do sujeito ao processo, quando na verdade, a experiência da perda desafia o enlutado a agir de maneira ativa, enfrentando e trabalhando o luto.

De todo modo, acredita-se que se deva considerar a relevância do estudo das fases do luto, tendo em vista as descobertas quanto ao que há de comum na dinâmica de elaboração da perda. Em relação a isso, pode-se perceber que a experiência do luto traz grande sofrimento, por ser um acontecimento estressante, que há grande exigência psíquica, e recorrentes sentimentos de desamparo, culpa, ansiedade, desorganização (FREITAS, 2000), desespero, choque, raiva, desmotivação, etc (ROCHA, 2007). Todas essas manifestações, típicas de crises, ocorrem na tentativa de adaptar-se à nova realidade, em que não existe mais o ente querido (GONZÁLES, 1997 *apud* FREITAS, 2000). Nesse sentido, o luto pode se diferenciar entre o conjunto de reações de uma perda, e o processo de adaptação à vida sem o ente querido, o qual comumente Bromberg (2000 *apud* ROCHA, 2007) se refere como enlutamento.

Trazendo a ideia de adaptação, deve-se ressaltar que o processo de luto é marcado não apenas pelo sofrimento da perda de uma pessoa amada, mas também pelo estresse gerado pelas mudanças decorrentes da perda. Desse modo, diz-se que o luto implica na necessidade de atualização das concepções que os enlutados têm sobre si mesmos, sobre o mundo, já que não possuem mais sentido. Isso acontece para que o enlutado possa se adequar à realidade pós perda (PARKES, 1998 *apud* ROCHA, 2007). Assim, o indivíduo passa por um processo de mudança esquemática, ou seja, o sujeito que passa pelo luto irá, ao mesmo tempo, abandonar e aprender alguns esquemas (FREITAS, 2000).

No entanto, chama atenção o período de adaptação dessa nova realidade, pois ainda que a sua duração seja relativa, e é indispensável que se respeite o ritmo do enlutado (ROCHA, 2007), deve-se dizer que há a possibilidade de haver progressão do processo de luto normal para o complicado, o que pode acarretar psicopatologias.

Sabe-se que a diferença entre ambos processos é tênue (ROCHA, 2007), todavia, é perceptível que a diferença mais comentada pelos estudiosos é a duração do luto e as suas repercussões, onde o luto normal pode ter um curso previsível (BROMBERG, 2000 *apud* ROCHA, 2007), em que o impacto da morte não perdura por longo período de tempo, e o enlutado consegue formar vínculos alternativos, se envolvendo em atividades e produções (FREITAS, 2000 *apud*, ROCHA, 2007). Já em relação ao luto complicado, se teoriza que há dificuldade de reorganização dos vínculos afetivos, e ainda, uma intensificação das reações do luto normal (KOVÁCS, 2002 *apud* ROCHA, 2007). Identifica-se que a aceitação é mais comum no luto saudável, e a negação, mais intensa no complicado (PARKES, 1998 *apud* ROCHA, 2007).

Por fim, vale pontuar que a complicação do luto pode ser influenciada pelos recursos que o enlutado tem disponíveis, que podem demonstrar-se fragilizados para lidar com tal período de crise (BROMBERG, 2000 *apud* ROCHA, 2007). Além disso, Rocha (2007) traz grande contribuição de Wash (1998), em que ressalta alguns outros

fatores que possam favorecer o desenvolvimento do luto complicado, como a morte repentina, violenta - em especial o suicídio -, mitos e tabus sobre a morte, e as emoções de culpa e vergonha, que surgem no curso do luto.

A culpa, inclusive, é uma das emoções mais comentadas na bibliografia do luto complicado, e é trazida por Freud (1974) como característica desse processo de adoecimento. Segundo o autor, essa emoção surge muito vinculada a uma ambivalência, sentida pelo enlutado, em relação ao falecido (ROCHA, 2007). Freitas (1981) concorda com isso, quando pontua que a culpa persecutória em relação ao falecido pode prejudicar a elaboração do luto (FREITAS, 2000). Além disso, a culpa também pode vir atrelada ao sentimento de ser o responsável pela morte, por ter falhado em não evitar o ocorrido (CFP, 2013).

Um outro potencializador do luto complicado é o nível de investimento afetivo do vínculo estabelecido entre enlutado e falecido, pois segundo Kovács (2002, *apud* ROCHA, 2007), quanto maior o vínculo, maior o desgaste em se desligar do ente perdido, tornando o processo de reorganização, comum do luto, mais difícil e mais prolongado. Isso também já foi explicado por Bowlby (2001), que afirma que quanto mais estreitos forem os vínculos, mais impactante será uma possível ameaça ao rompimento desses laços (ROCHA, 2007).

Levando isso em consideração, tem-se os estudos acerca do luto materno, que se configura num cenário de rompimento de um dos vínculos mais intensos das relações humanas, o de mãe e filho. De acordo com Rocha (2007), a perda de um filho é algo extremamente difícil de se aceitar, e tratando-se de um filho jovem, Bromberg (2000) afirma que a aceitação dessa morte é ainda mais laboriosa. A elaboração do luto pode ter um fator ainda mais delicado quando essa morte se dá através do suicídio, que como visto, tem condições que favorecem o luto complicado, por ser uma morte súbita, violenta e que perpassa muitos tabus.

Kovács (2002, *apud* ROCHA, 2007) explica que a morte por suicídio é uma das mais difíceis em sua elaboração, devido ao intenso sentimento de culpa, além da sensação de impotência e abandono, sentidos pelos sobreviventes. A família, que passa por essa perda, enfrenta sentimentos conflitantes e ambivalentes. E levando em conta o forte vínculo comumente estabelecido entre mães e filhos, busca-se, neste trabalho, analisar como se dá a dinâmica de elaboração do luto de mães que perdaram seus filhos por suicídio e as possíveis repercussões familiares. Se comprometendo em identificar quais são as peculiaridades do luto dos sobreviventes, como se dá o processamento emocional desses e as implicações familiares mediante tamanha perda, explorando saber, ainda, se na bibliografia consultada, há indícios de que o enlutamento da mãe pode ser influenciado pelo peso das imagens sociais da maternidade, como figura de cuidado absoluto, isto é, se as mães sobreviventes, percebem o suicídio como resultante de uma falha em seu cumprimento da função maternal, pois de acordo com Silva (2013) a questão de gênero pode ser uma problemática adicional na discussão do luto dos sobreviventes, já que a elaboração do luto por suicídio pode se tornar ainda mais difícil para a mãe, que tende a se sentir envergonhada por acreditar que não executou suficientemente bem o seu papel de cuidadora, que o negligenciou, e teme ser vista como tal (SILVA; CFP, 2013).

Acredita-se que este trabalho contribui para a expansão dos estudos sobre o luto materno, que majoritariamente se restringem ao gestacional e neonatal (FREITAS, 2000) e para a compreensão geral do que se tem produzido acerca do luto dos sobreviventes. Além disso, ressalta-se a necessidade e urgência em compreender mais sobre o fenômeno do luto dos que enfrentam a perda por suicídio para fins preventivos, já que se tem estimativas que um único suicídio pode impactar diretamente 5 a 10 pessoas (SILVA, CFP, 2013), desencadeando nessas, consequências sociais e psicológicas, como o risco aumentado para suicídio (TAVARES, CFP, 2013).

2 METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dedica-se a explorar, sintetizar e analisar as evidências disponíveis na literatura brasileira acerca do luto de mães que perderam filhos por suicídio, compreendendo o seu curso, dinâmica e peculiaridades.

Busca-se fazer isso através de uma Revisão Sistemática da literatura (RS), devido à possibilidade de combinar diferentes métodos de pesquisa, ampliando a concepção sobre o tema e acurando melhor os resultados. Optou-se, ainda, pela RS por ser uma metodologia que pretende reduzir o viés de pesquisa e que, por isso, tende a ser imparcial, garantindo resultados mais confiáveis, com um alto nível da qualidade das evidências. Isso se dá principalmente pela sistematicidade de como os estudos são compilados e analisados, seguindo um protocolo pré-definido que, em seguida, é exposto nos resultados de pesquisa, o caracterizando como um estudo reprodutível (DONATO e DONATO, 2019, p. 01).

Com o crescente número de estudos nos eixos temáticos do presente TCC, isto é, morte, luto, suicídio e maternidade, acredita-se que a revisão sistemática é a que mais se aplica para responder a questão de investigação, devido a sua vastidão.

O processo de buscas incluiu as seguintes combinações de descritores pelo operador booleano “and”: “suicídio and luto materno”; “sobreviventes and enlutados por suicídio” e “luto and suicídio de um filho”. Realizou-se a captação de estudos através das bases de dados que incluem publicações na área de saúde mental. São essas: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Capes, SciElo e Google Scholar.

Após realizada essa busca, considerou-se os resultados que obedecessem aos seguintes critérios de inclusão: a) estudos de revisões bibliográficas, b) no período mínimo de 5 anos, neste caso, entre 2018 a 2022, c) produções que disponham de texto completo e que sejam d) estudos de acesso gratuito. Além disso, desconsidera-se nesta pesquisa a) Trabalhos de Conclusão de Curso, b) Livros, c) Monografias, Teses e d) produções que não sejam brasileiras.

Após a busca ser realizada em cada plataforma de dados científicos, obteve-se 34. 219 resultados. Em seguida, iniciou-se o processo de filtragem de estudos, levando em conta os critérios de inclusão e exclusão supracitados, excluindo os títulos

duplicados. A partir disso, foi possível verificar que estudos estavam aptos para permanecerem nas próximas etapas de análise.

Em prosseguimento, avaliou-se os títulos dos estudos restantes, e por conseguinte, foram lidos os resumos dos restantes, examinando quais seriam úteis para a investigação da pesquisa, os estudos remanescentes foram lidos na íntegra, totalizando-se 05. Atenta-se que o detalhamento da seleção dos estudos para essa pesquisa estão descritos nas tabelas 1 e 2.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O procedimento de buscas desta revisão de literatura contou com as combinações de descritores, utilizando o operador booleano and: “suicídio and luto materno”; “sobreviventes and enlutados por suicídio” e “luto and suicídio de um filho”, como distribuídos e descritos na tabela 1. Através dessa busca, encontrou-se 34.219 resultados nas bases de dados pesquisadas. Salienta-se que na base Pepsic não foram encontradas nenhuma produção nessas buscas.

Após aplicado o filtro de pesquisa de idioma, restringindo-se ao português, restou-se 28.107 produções. Quando limitou-se a pesquisa ao período dos últimos 5 anos, 2018 - 2022, obteve-se 10.534 estudos. Desses, foram filtrados apenas os estudos de revisão de literatura, quer seja narrativa, integrativa ou sistemática, de acordo com os critérios de inclusão supracitados. Encontrou-se 188 produções, que tiveram seus títulos lidos para elencar quais estariam de acordo com os critérios da pesquisa e, ainda, quais teriam seus resumos lidos. Foram excluídos 183 estudos, devido ao fato de estarem duplicados, se referirem a outro tipo de luto, que não fosse por suicídio, pertencerem a outro eixo temático ou não estarem disponíveis para a leitura integral e gratuita.

A partir disso, restaram 5 títulos que se enquadram inteiramente nos critérios da pesquisa. Posteriormente, leu-se todos os resumos, que foram selecionados para a leitura na íntegra, sendo considerado na análise deste TCC apenas tais 5 publicações. Deve-se ressaltar que todos os textos selecionados são produções brasileiras e possuem acesso ao texto completo e gratuito.

Tabela 1 - Classificação de resultados por base de dados e etapa de busca

Base de dados	Resultado amplo	Filtro de idioma	Filtro de recorte de tempo	Filtro de descritores nos títulos	Filtro de leitura de resumo	Produções selecionadas para a leitura integral
SciELO	2	2	2	2	1	0
PEPSIC	0	0	0	0	0	0
BVS	103	17	5	5	2	1

Periódicos CAPES	14	8	6	5	2	1
Google Acadêmico	34.100	28.080	10.521	176	3	3
Total	34.219	28.107	10.534	188	8	5

Fonte: Elaborada pelos autores, 2022.

Assim, realizada a leitura e análise completa dos textos selecionados, percebeu-se o interesse pelo entendimento do tema nos últimos dois anos, pois 80% dos estudos se concentram no ano de 2021 e 20% no ano de 2022. Contudo, deve-se dizer que dos resultados encontrados, todos se voltam para o luto familiar como um todo, não trazendo tantas contribuições específicas para a dinâmica de luto materno, isso se prova pelo fato de que apenas um dos artigos encontrados realmente adentrou-se mais fortemente nessa temática, haja vista que os demais se concentraram em discutir aspectos da família em geral, não focando nas especificidades de uma das figuras enlutadas. Ainda, deve-se ressaltar que os estudos se voltam a intervenções de prevenção, onde as revisões vistas se esforçarem em reunir estudos que versem sobre o amparo (ou ausência dele) fornecido aos enlutados.

Acerca da preponderância metodológica de cada estudo, notou-se que em suma maioria, se deram a partir de revisão integrativa de literatura, sendo apenas 20% revisões narrativas. Afirma-se que o uso majoritário da metodologia de revisão integrativa nas produções do tema demonstrou-se positiva na análise de resultados deste TCC, tendo em vista que contribuiu com várias combinações de estudos, ampliando o repertório de informações levantadas. Dessa maneira, foi possível fazer uma análise de resultados de variados tipos de estudos, como empíricos e teóricos.

Além disso, de maneira geral nas buscas, observou-se que a grande gama de produções que se relacionam ao luto materno restringem-se ao gestacional e neonatal. Questiona-se, desse modo, se o caráter interdito da morte por suicídio não colabora para uma dificuldade de produções sobre o tema.

Acerca das áreas das revistas em que foram publicadas os estudos analisados, cabe salientar que majoritariamente se voltam para a temática de saúde mental, e isso possibilitou uma vasta identificação de características psicológicas acerca do fenômeno estudado. Os estudos se concentram entre os anos de 2021-2022, e isso torna-se relevante uma vez que sugere a atualização dos dados aqui discorridos, no entanto, deve-se dizer que, ainda assim, há uma dificuldade de se encontrar alguma produção acerca do tema, o que é contraditório, uma vez que o número de suicídios, e conseqüentemente, de sobreviventes, tem aumentado a cada ano consideravelmente.

Tabela 2. Distribuição das produções por ano de publicação, período de abrangência, tipo de estudo, autores, e base de dados correspondentes.

Ano	Título do estudo	Período de	Tipo de	Base de dados
-----	------------------	------------	---------	---------------

		abrangência da revisão de literatura	revisão	correspondente
2021	Revisão Integrativa da literatura sobre suicídio: repercursões nas famílias e atuação dos profissionais de saúde	2015 - 2020	Integrativa	Google Acadêmico
2021	Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados	Não definido	Narrativa	BVS
2021	As famílias e o luto decorrente do suicídio: revisão integrativa	2008 - 2018	Integrativa	Google Acadêmico
2021	Estratégias de enfrentamento de familiares enlutados por suicídio: uma revisão integrativa	2011 - 2020	Integrativa	Google Acadêmico
2022	Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio	2016 - 2021	Integrativa	Periódicos CAPES

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Baseado nisso, foi possível sintetizar os achados dos estudos selecionados de forma didática, distribuídos de acordo com categorias de análise, que se referem aos objetivos específicos deste trabalho, como descrito e explicado na Metodologia. Sendo assim, a discussão dos resultados se deu em 4 direções, onde buscou-se identificar se há evidências, nas publicações consultadas, de que a morte por suicídio colabore para o desenvolvimento do luto complicado, descobrindo, também, quais as peculiaridades desse luto, a sua repercursão familiar e se há implicações dos ideais de cuidados maternos na vivência da perda de um filho por suicídio.

3.1 Morte por suicídio e complicações na elaboração desse luto

Buscando identificar evidências que demonstrem ou não que a perda por suicídio possui características que favorecem o surgimento de complicações no enlutamento dos sobreviventes do que se comparado a outras condições, percebeu-se que nas cinco produções selecionadas para análise, há argumentos e evidências que fundamentam que o luto por suicídio demonstra, sim, ter mais fatores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de um luto complicado, e isso se justifica devido as características que permeiam o suicídio, sendo essas, identificadas durante a pesquisa: condições traumáticas da morte; o caráter transgressor do suicídio e os estigmas relacionados; o desamparo social percebido pela família juntamente a impossibilidade de expressão de suas emoções acerca da morte; as altas chances de cronicidade de ansiedade e depressão associado ao risco aumentado para suicídio nos sobreviventes e, também, os questionamentos sobre o motivo do suicídio, o

sentimento de culpa e as implicações desses no maior esforço desempenhado na dinâmica de elaboração do luto.

Acerca das condições de morte, observou-se que as mortes traumáticas têm maior probabilidade de produzir sequelas, que facilmente desencadeiam o luto complicado. Tais mortes costumam ocorrer súbita, inesperada e precocemente (PARKES, 2009 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). E sugere-se que essas condições também são encontradas no suicídio, o que a confere, também, como uma morte traumática, logo, suscetível de produzir nos sobreviventes um luto complicado. Braz e Franco (2017 *apud* OLIVEIRA; AMORIM; JACINTO, 2021) reafirmam esse dado, acrescentando os riscos à saúde mental proveniente de mortes traumáticas.

Levando em conta a amostra delimitada neste TCC, isto é, sobreviventes, especificamente mães enlutadas pelo suicídio de um filho, notou-se nas produções encontradas que há, nesse grupo, dois fatores que o conferem maior vulnerabilidade em vivenciar um luto complicado pois, primeiramente, passaram pela experiência da perda de alguém por suicídio, secundamente, por tal ente ter sido um filho (SERRA; FREITAS, 2020 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022).

Para além do sofrimento de perder um filho de um modo traumático, os pais enlutados têm que enfrentar tal desamparo social, pois observou-se em toda a literatura consultada que esses pais têm dificuldade de obter suporte social no enfrentamento de seu luto (TOCHETTO; CONTE, 2022). Pode-se dizer que tal escassez de suporte, dentre outros fatores, deve-se a temática do suicídio ser estigmatizada, o que inviabiliza o acolhimento das emoções desses sobreviventes dificultando a expressão da sua miríade de sentimentos, tornando o luto mais desafiador, pois para o avanço do luto é necessário e recomendado pelos estudiosos da área um espaço de expressão dos sentimentos (MAZORRA, 2009 *apud* SENA, 2021). Pensando em nível de consequências, infere-se que esse cenário é fértil para gerar afastamento social, devido ao medo de julgamentos e preconceitos, deixando os pais ainda mais fragilizados.

Algo alarmante, identificado como fator de vulnerabilidade nos sobreviventes, é o fato de que possuem riscos de cometerem suicídio também, inclusive, diz-se que a posvenção, intervenções voltadas aos sobreviventes do suicídio, vem como uma preocupação em assistir à tais riscos (TOCHETTO; CONTE, 2022). O entendimento de que o luto por suicídio está acompanhado de tamanho perigo também é relatada por outros autores encontrados neste TCC, como Sena (2021), que detectou em sua síntese integrativa acerca de familiares enlutados por suicídio, que o risco de suicídio cresce significativamente nos primeiros anos após a perda do ente querido (MOGENSEN, 2016 et al., *apud* SENA, 2021). Essa vulnerabilidade é acarretada por tamanho sofrimento imbuído na perda, que torna possível o surgimento de ideações e comportamentos suicidas (TEIXEIRA; SOUZA; VIANA, 2018 *apud* SENA et al., 2021).

Aponta-se aqui a contradição percebida no enlutamento por suicídio, pois os sobreviventes se totalizam em um número superiormente desproporcional ao de políticas relacionadas a posvenção. É nítido a necessidade de assistência a esse grupo, uma vez que tão fragilizados, com risco de suicídio, são tão comuns, levando em conta que o número de mortes por essa causa aumentam a cada ano, e que são cometidos, majoritariamente, por jovens, sendo considerada a terceira causa de

morte entre os indivíduos de 15-29 anos de idade (ONU, 2018 *apud* FUKUMITSU, 2019). Tais dados demonstram como o suicídio ocorre em muitos jovens, assim tratando-se de uma morte precoce, e através disso supõe-se que tenham seus genitores vivos, justificando-se a urgência de assistência dos pais sobreviventes.

Estima-se que a cada 45 segundos um suicídio é cometido no mundo (BOTEGA, 2014). Nesses poucos segundos, inúmeras pessoas passam a se tornarem sobreviventes, pois vivenciam a partir de então, a vivência de conviver com a tragédia familiar deixada pelo suicídio. Observa-se, dessa forma, a necessidade do aprofundamento das particularidades desse luto que tem se tornado uma realidade cada vez mais frequente.

Além das condições da morte, pôde-se perceber através dos resultados da presente revisão que os impactos normalmente produzidos pelo enlutamento dos sobreviventes, como hipervigilância, medo, desamparo, negação da dor e o sentimento de incapacidade prejudicam o enfrentamento ao luto, o tornando ainda mais difícil. Somado a isso, Werlang e Botega (2003, *apud* SENA et al., 2021) ressaltam que a recorrente ansiedade e depressão nos sobreviventes podem chegar ao ponto de obstaculizar a aceitação e adaptação ao luto, tendo em vista a série de questões que precisam ser reorganizadas na vida dessas pessoas. Chama-se a atenção de que a literatura examinada demonstra que tais sintomas podem tornar-se crônicos (SENA, 2021), e salienta-se tamanha preocupação, tendo em vista que os sobreviventes são um grupo imensamente desassistido no Brasil, seja mediante ao estigma e falta de suporte social, seja com o despreparo profissional e a escassez de políticas voltadas para posvenção.

Inclusive, notou-se a dificuldade de ter espaços em que se possa expressar, abertamente, os sentimentos atrelados à morte, o que contribui para o agravamento do luto dos que perderam alguém por suicídio (TOCHETTO; CONTE, 2022). Silva (2015 *apud* SENA, 2021) concorda com isso quando afirma que a o silêncio dos sobreviventes, potencializado por estigmas sociais atrelados ao suicídio, inviabiliza a expressão de seus sentimentos, o que se representa como um fator de risco no enfrentamento do luto. A falta de suporte social como um fator de risco será ainda mais explorado em seguida.

Ainda acerca dos sintomas decorrentes do luto por suicídio, infere-se que é uma temática delicada, uma vez que existe uma tênue linha entre o que é ou não patológico no luto, haja vista que existem sintomas naturais e esperados nesse processo, necessários para a adaptação do sujeito à nova realidade sem o falecido, como proposto por Freitas (2000), citando González (1997). Faz-se aqui uma ressalva para que tal discussão não colabore para a patologização do luto, mas sim, que seja útil para compreender que um luto desassistido, e repleto por significativos fatores de risco, pode evoluir para possíveis psicopatologias.

No que tange a outras questões sensíveis ao luto por suicídio, observou-se na maior parte da literatura consultada que os questionamentos levantados pelos familiares sobre o motivo pelo qual o seu ente decidiu tirar a própria vida, a culpa por não aceitarem não terem percebido os sinais que levariam a evitar o ato, são característicos do luto por suicídio, e acabam se tornando problemáticos na dinâmica de elaboração desse (SILVA, 2009 *apud* OLIVEIR; AMORIM; JACINTO, 2021). É

imprescindível mencionar que o suicídio traz essas repercursões devido ao seu caráter social de transgressão, que deve-se ao entendimento popular de que o suicídio é um tipo de morte inaceitável, tendo em vista a tendência humana de preservar a vida, protegendo-a, e não autoexterminando-a, o que permite perceber que o suicídio é uma morte difícil de ser compreendida e acolhida (OLIVEIRA et al., 2021). Em seu livro, síntese de seu doutorado, Fukumitsu (2019) reitera essa ideia quando retrata algumas falas de enlutados por ela entrevistados. Algo recorrente em suas falas é a concepção de que é difícil se conformar com esse tipo de morte (FUKUMITSU, 2019, p. 21). Frente a isso, percebe-se a complexidade envolvida no enlutamento dos familiares que perderam um ente por suicídio, pois lidam não apenas com a dor da adaptação à vida sem alguém tão amado, mas também têm que administrar e elaborar emoções como a de culpa, a não aceitação da morte e a busca pelos motivos que levaram o familiar ao suicídio.

Em relação ao processo de luto por suicídio e suas complicações na saúde mental dos sobreviventes Fukumitsu (2013 *apud* MOURA; ARAÚJO, 2021) expõe que essas pessoas passam por um tipo diferente de perda, de luto, levando em consideração as características envolvidas e tipicamente expressas nesse tipo de morte como raiva, revolta, mágoa, preconceito, vergonha, acusações; as mudanças e rearranjos familiares e, ainda, a dificuldade em significar essa morte, o que pode gerar dificuldades em retomar a vida, à levando adiante.

Logo, é notório como a morte por suicídio traz peculiaridades que colaboram, sim, para o desenvolvimento de um luto complicado, se não, um dos mais complexos, haja vista os inúmeros fatores de risco supracitados. Faz-se necessário ressaltar como tais fatores são reforçados pelos estigmas arraigados ao suicídio, como o de seu caráter interdito, silencioso, que indubitavelmente, traz uma grande repercursão e diferença ao luto por suicídio, poucas vezes vistas em outros enlutamentos. Acerca disso, Mazon (2009 *apud* OLIVEIRA; AMORIM; JACINTO, 2021) pontua que o impacto do suicídio e seus estigmas resultam, comumente, em vergonha e ansiedade, demandando ainda mais esforços na elaboração do luto e da resignificação da perda.

3.2 Peculiaridades do luto dos sobreviventes

De antemão, reforça-se que o suicídio não é uma morte aceitável socialmente (TOCHETTO; CONTE, 2022), e em dois dos cinco trabalhos analisados, encontra-se essa ideia como algo que impacta diretamente os sobreviventes pois, com isso, se produz uma série de dilemas e discursos morais (BOTEGA, 2015 *apud* OLIVEIRA et al., 2021) que provocam grande sofrimento nos enlutados, que digerem com dificuldade o fato de seu familiar decidir e conseguir autoexterminar-se, enquanto naturalmente tenta-se lutar contra a morte. Nesse sentido, é frequente questionamentos levantados pela família, alguns de origem religiosa, como a preocupação com o destino espiritual da vítima (CANDIDO, 2021 *apud* MOURA; ARAÚJO, 2021).

Foi possível identificar nas buscas as particularidades emocionais vivenciadas pelos sobreviventes, sendo mais recorrente nas publicações a culpa pela não identificação precoce dos sinais que a vítima tivera deixado, a busca pela justificativa do ato de se matar, e o preconceito atrelado (SEBASTIÃO, 2017 *apud* MOURA;

ARAÚJO, 2021). Botega (2015 *apud* OLIVEIRA et al., 2021) acrescenta que também é recorrente os sentimentos de tristeza, vazio e rejeição. Fukumitsu et al., (2016) também colabora com essa lista, citando raiva, desamparo e abandono (OLIVEIRA et al., 2021). Ainda, Casellato (2015 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022) inclui alterações de sono e humor, e necessidade de falar com o ente falecido. O grande espectro de emoções envolvidas no enlutamento por suicídio também é dotado de ambivalências (SERRA; FREITAS, 2020 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022).

No que tange a emoção de culpa, observou-se que geralmente surge em decorrência de uma crença do sobrevivente em ter falhado na tarefa de proteger a vítima (OLIVEIRA et al., 2021). Os estudos que mais se voltam a essa temática exploram a sua repercussão na elaboração do luto dos que ficam, como foi percebido em uma revisão que revela que a culpa e as auto-acusações feitas, em que o sobrevivente se vê como responsável pela morte, exigem uma carga energética muito grande da psique, contribuindo para uma elaboração dificultosa do luto (TOCHETTO; CONTE, 2022). Também existem evidências de que a culpa pode se associar, em alguns casos, de forma ambígua ao alívio. Tal relação foi descrita por Silva (2013) ao observar que há conflitos e contradições emocionais no luto por suicídio, principalmente quando o falecido já tinha passado por inúmeras tentativas. A autora destaca que essa família costumeiramente lidava com problemáticas de comportamentos agressivos e psicopatologias do falecido, que acabavam os desgastando. O sentimento de alívio pode ser sentido com imensa culpa (SILVA; CFP, 2013).

Sena (2021) expõe achados que demonstram o impacto nos sobreviventes devido ao fato de que o suicídio é uma morte que ocorre por decisão do sujeito. Percebeu-se que devido ao suicídio ser uma morte que acontece por única e exclusiva decisão do falecido, isto é, de que foi algo desejado, implica em um maior silenciamento dos familiares, afastamento social, evitação da expressão de algo concernente ao ocorrido, repercutindo como um fator de risco em sua saúde mental (SILVA, 2015 *apud* SENA, 2021). Para Peters (2016 *apud* SENA, 2021) a grande questão no luto por suicídio é justamente esse silenciamento, pois trata-se de uma característica que dificulta a recuperação do luto. Julga-se importante dizer que existem autores que não concordam com o termo “recuperação” mas, sim, adaptação, por ser mais apropriado, uma vez que “recuperar” denota que algo será repostado, restabelecido, e considerando o caráter irreversível da morte não é cabível tal colocação (WORDEN, 2013).

Seguindo as evidências levantadas em relação as características do luto por suicídio, em revisão integrativa da literatura, Moura e Araújo (2021) identificaram achados que apontam para uma desregulação emocional dos sobreviventes, uma vez que estes admitiram não saberem lidar com as emoções desconfortáveis relacionada ao falecido, e para tornar tal estresse em um nível tolerável utilizavam do excesso do álcool e de atividades laborais. Salienta-se que esses recursos de enfrentamento são comumente utilizados em situações em que se busca fugir de emoções que não se sabe lidar de outra maneira, tornando a experiência emocional de alguma forma suportável (LEAHY, 2013), o que pode indicar desde uma incipiência sobre reações naturais do luto, como uma falta de assistência que possa suprir a necessidade de psicoeducação acerca das emoções no enlutamento, quanto pode sinalizar riscos para o desenvolvimento do luto complicado.

Ademais, é frequente aos enlutados a experiência de silenciamento, vergonha, medo (KOVÁCS, 2003 *apud* MOURA; ARAÚJO, 2021), retaliações e pressão social, que geram ainda mais culpa e questionamentos, reforçados pelo tabu e estigma criado em cima da morte e do suicídio (FUKUMITSU et al., 2018 *apud* OLIVEIRA et al., 2021). Encontrou-se que a estigmatização geralmente vem associada de ideias de fraqueza e falta de fé ou religião, o que por vezes produz no enlutado ainda mais relutância em se expressar ou solicitar auxílio, inclusive dos serviços de saúde mental (SCAVACINI, 2018 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). Foi possível perceber que parte considerável dos sentimentos típicos dos sobreviventes sugerem ser reforçados pelas tentativas da sociedade em buscar desenfreadamente respostas e culpados para o suicídio, o que denota como ainda há grande disseminação de censuras e mitos quando trata-se de suicídio.

Luz e colaboradores (2017 *apud* MOURA; ARAÚJO, 2021) comentam que há a necessidade de apoio para que esses sujeitos consigam dar continuidade à vida mesmo após a perda, apesar de ser uma dificuldade marcante para esse grupo. Sobre isso, Moura e Araújo (2021), em revisão de literatura, identificaram que, de fato, um dos grandes desafios de quem perde alguém por suicídio é a busca por um significado novo de vida que os fortaleçam a continuar, algo dificilmente resolvido devido ao sentimento profundo de culpa. Além disso, buscou-se compreender as repercussões do suicídio de maneira global nos enlutados, e verificou-se que ele impacta a vida dos sobreviventes de forma biopsicossocial, chegando a todas as dimensões humanas (MOURA; ARAÚJO, 2021). Acerca desse impacto multidimensional, Worden (1998 *apud* SENA et al., 2021) afirma que a perda realmente ocasiona um desequilíbrio biopsicossocial nos enlutados. Acredita-se que esse comprometimento seja devido ao contexto complexo e variável onde aonde o suicídio se instaura.

Tratando-se do cuidado de tais aspectos comprometidos nos sobreviventes, Silva e colaboradores (2018) propõem que a sua assistência deve ser multidisciplinar, pois há a necessidade de uma reorganização geral, em cada uma das dimensões já comentadas, como a redistribuição de papéis, onde cabe citar a reestruturação familiar, por vezes financeira, que pode ocorrer após a perda, além da importância de um apoio voltado ao contexto educacional e ocupacional, pois existem evidências que apontam os sobreviventes como um grupo com chances reduzidas de obterem sucesso profissional (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016 *apud* SENA, 2021). Isso pode ser explicado por uma dificuldade comum nos familiares sobreviventes, a de retomarem às suas atividades ocupacionais, muito comumente associado ao sentimento de vergonha e culpa. Infere-se que tais dificuldades podem estar atreladas ao enfrentamento de um luto complicado e uma falta de suporte que auxilie em tais necessidades (FEIJOO, 2021). Um luto como esse torna-se ainda mais difícil quando se tem uma rede de assistência deficitária, tendo em vista a quantidade mínima de ações voltadas à prevenção no país e no mundo, como destaca Botega (2015), citado por Fukumitsu (2019):

“Programas de prevenção são raros. Dos 52 países-membros da Associação Internacional de Prevenção do Suicídio [...], apenas 14 constam com serviços designados a pessoas enlutadas pelo suicídio. Esses serviços encontram-se disponíveis principalmente nos Estados Unidos, no Canadá e em alguns países da Europa” (BOTEGA, 2016. p. 234 *apud* FUKUMITSU, 2019. p. 15).

3.3 Repercussões em familiares pós suicídio

Aprofundando-se no espectro de reverberações do suicídio na família, identificou-se em todos os achados que o suicídio carrega grande potencial de prejuízos à família sobrevivente. Oliveira (2021), citando a Organização Pan-Americana de Saúde (2018) afirma que o suicídio na família se configura como uma tragédia que causa danos que se perpetuam duradouramente nos que ficam (OLIVEIRA, 2021). Complementando esses efeitos, Fukumitsu (2016 *apud* FEIJOO, 2021) reforça que os impactos deixados na família pelo suicídio podem se repercutir até a quarta geração.

Diz-se, com isso, que há um grande potencial destruturador na morte por suicídio, já que ela consegue produzir mudanças drásticas na vida dos enlutados, e não coincidentemente são denominados de “sobreviventes” (OLIVEIRA, 2021). Scavacini (2018), citado por Moura e Araújo (2021) concorda com esse panorama quando afirma que uma morte tão violenta, cometida contra si mesmo, gera alterações em todo o contexto da família que perde, e isso estende-se desde o choque ao receber a notícia até a busca por respostas que justifiquem a decisão do suicídio, o que acaba resultando em significativo sofrimento, expressado em forma de angústia de como viver a partir dali. Ademais, foi possível encontrar na literatura dados que informam que o suicídio repercute, também, produzindo vergonha e ansiedade nos enlutados (MAZORRA, 2009 *apud* OLIVEIRA, 2021).

Curiosamente observou-se, em revisões, que o luto por suicídio não dificilmente impacta em separações e divórcios dos genitores que perderam o filho por suicídio (SENA, 2021). Serra e Freitas (2020) em seus estudos, notaram que a ocorrência do suicídio pode desgastar as relações familiares depois da morte (SERRA; FREITAS, 2020 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). Acerca disso, explica-se que as separações muito comumente podem se dar devido a raiva e a culpa sentidas reciprocamente pelos genitores, além disso, tem-se o fato de que algumas relações se fragilizam quando um dos genitores tenta evitar o sofrimento do outro através da privação da comunicação, ou outras estratégias relacionadas (ROCHA, 2007).

Considera-se que essas repercussões se devam a inúmeros fatores, como organização familiar, estratégias e recursos disponíveis, mas acredita-se que algo que possa colaborar para a intensificação dessa dificuldade em lidar com o processo do luto se deva, dentre outros fatores, ao luto desassistido, ou seja, pela falta de assistência aos sobreviventes, tão comentada nas publicações do tema, pois acredita-se que a vivência do processo do luto, ainda mais um complicado, envolve uma experiência emocional intensa e dinâmica, além da mudança de esquemas, revisão de crenças, como proposta por Freitas (2000), e pensa-se que tal processo leva o enlutado a questionar-se de muitas verdades, e passar por tal processo desassistido intensifica ainda mais desorganização no sistema familiar. E isso se torna válido quando se reconhece que os familiares experimentam um sofrimento solitário, com baixo amparo pelos serviços de referência (HAYASIDA et al., 2014 *apud* SENA et al., 2021).

Tratando-se do desamparo social vivido pelos sobreviventes, observou-se que o enlutado sofre não apenas pela perda de um ente querido, mas também devido a causa da morte ser acompanhada por muitos estigmas, que inclusive são recorrentes

na discussão sobre o suicídio, se revelando através de julgamentos à família e ao falecido, já que o suicídio não é uma maneira aceitável de morrer. Assim, se é cobrado da família explicações em relação às motivações da morte, e isso contribui para o fortalecimento dos sentimentos de culpa e vergonha nos enlutados (BOTEGA; KOVÁCS, 2003 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). O entendimento da estigmatização do suicídio e suas implicações na elaboração do luto por essa causa de morte também é referida por Rocha e Lima (2019):

“o tabu e o preconceito acerca do suicídio na sociedade contribuem para que os familiares reprimam seus sentimentos e o sofrimento das suas perdas” (ROCHA; LIMA, 2019 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022).

Visto isso, entende-se porque geralmente as pessoas possuem dificuldade de amparar os sobreviventes, o que os faz se calarem, produzindo ainda mais mistérios e questionamentos (KOVÁCS, 2003 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). Além do silêncio dos enlutados, ao reprimirem suas emoções, existe o silenciamento social, que é revelado no desamparo à família, impossibilitando o reconhecimento desse luto, que ao não ser autorizado e validado, vulnerabiliza os pais sobreviventes. Esse panorama gera fatores de risco para a vivência de um luto complicado (TOCHETTO; CONTE, 2022).

Quando se discute o impacto familiar de uma morte, pensa-se em algumas questões como o vínculo do falecido com cada ente da família e o papel desempenhado por esse nas relações (PARKES, 2018 *apud* MOURA; ARAÚJO, 2021). E dado o ensejo, questiona-se como esse luto é vivenciado pela mãe que perde um filho por suicídio, uma vez que é a familiar que geralmente possui um vínculo intensificado com o falecido. Aqui, aponta-se indispensável ressaltar que os estudos voltados para os sobreviventes de um suicídio, pelo menos nos anos consultados por esta pesquisa, restringem-se a família global, dificilmente comentado sobre aspectos particulares da vivência dos pais, irmãos ou conjugues, separadamente. Critica-se, inclusive, tal limitação, pois pode evidenciar a escassez de estudos mais detalhados, que muito contribuiriam para o preparo profissional no tratamento ao luto, comumente já fragilizado.

3.4 Culpa materna e elaboração do luto de um filho

Ao que concerne à mãe que perde o filho por suicídio, socialmente pensa-se em sua figura familiar como referência de cuidado e de proteção. Atribui-se à mulher tais funções, e questiona-se se tais regras sociais implicam, de alguma forma, na experiência do luto materno por suicídio, tendo em vista que essa morte específica já deixa nos familiares marcas substanciais de culpa, mas quando trata-se da mãe, há indícios de que tenha uma intensificação de tamanha emoção associada e reforçada pelos ideais de cuidados maternos? De alguma maneira, isso pode vir a demonstrar-se como um empecilho na elaboração do luto?

De antemão, o luto dos pais que perdem filhos por suicídio trata-se de uma experiência profundamente dilacerante e dolorosa, segundo a bibliografia consultada, pois a perda de um filho interrompe o ciclo vital, sendo contraditório um filho falecer antes dos pais. Dessa forma, nota-se que tal perda possui condições propícias para o desenvolvimento do luto traumático, devido ao suicídio ser uma morte violenta e inesperada (CASELLATO, 2002 *apud* TOCHETTO; CONTE, 2022). O suicídio de um filho rompe de tal maneira com a tendência natural da vida que Bromberg (1998 *apud*

TOCHETTO; CONTE, 2022) acredita que nem mesmo seja possível comparar tal luto com os outros, além de classificá-lo com maior risco para o desenvolvimento de complicações, como a ideação suicida, como já bem explorada acima.

Como já mencionado antes, é comum nos familiares a impressão de que deveria ter feito algo que impedisse o suicídio, e Freitas (2000), ao discorrer sobre essa culpa como emoção recorrente e insistente no luto materno, concorda que a culpa tem potencial adoecedor no processo de luto, e que frequentemente nota-se que a mãe sente-se culpada pela concepção de ter falhado em cuidar do filho e, ainda, que de alguma maneira isso tenha colaborado para a morte. Inclusive, em situações de mortes abruptas dos filhos, a mãe pode chegar a assumir a responsabilidade pela morte, devido a grande repercussão gerada pela culpa, comumente relacionada aos cuidados e proteção, como visto. Bromberg (2000 *apud* ROCHA, 2007) concorda com tais ideias quando expõe que a perda de um filho gera auto reprovação nos genitores devido ao fato de não ter conseguido impedir a morte. Acredita-se que possa-se inferir que ao trazer essas concepções ao contexto do suicídio, a culpa também se volte a percepção de insuficiência de vigilância, tendo em vista que muito se é disseminado de que maioria dos casos de suicídio são evitáveis, e que a recomendação é de atentar-se aos sinais, manter-se vigilante, monitorando (FEIJOO, 2021). Critica-se aqui tal forma de comunicar tais informações, desconsiderando o possível impacto gerado nos sobreviventes, ainda mais quando trata-se de mães sobreviventes, levando em conta que frequentemente sentem-se culpadas por acreditarem ter falhado e fracassado na missão de cuidado, como levantado por Feijoo (2021), que discorre sobre discursos comuns dessas mães, como a ideia de que deveriam ter percebido os sinais deixados pelos filhos, e ter desconfiado que não estavam bem como demonstravam. Percebe-se como algumas maneiras de transmitir informações acerca do suicídio reforçam a culpa sentida pelas mães que perdem seus filhos por essa causa, remetendo-as ao fracasso no cuidado de seus filhos, e que não se fazendo suficiente o sofrimento da perda de um filho, há o acréscimo da culpa de ter contribuído para tal, incessantemente reforçada pela sociedade.

Feijoo (2021) traz uma crítica fomentada por Fukumitsu (2016), em que enfatiza que o luto de uma mãe que perde seu filho por suicídio trata-se de uma experiência que vai além da vigilância e atenção às pistas deixadas pelo ente falecido, esclarecendo que não é uma experiência que possa ser compreendida de maneira tão simplificada. Observa-se como a maneira de entender o suicídio contribui na forma como se entende o luto por essa causa de morte.

Serra e Freitas (2020), citados por Tochetto e Conte (2022) também perceberam essa ideia de que a perda de um filho por suicídio produz um luto permeado de cobranças provenientes do enlutado e dos que estão em seu entorno, em relação os erros cometidos no cuidado e educação do filho, questionando-se aonde foi que errou, na tentativa de examinar algo que justifique o comportamento do filho. Há que se dizer que a busca por explicações para o cometimento do ato se assemelha ao enfrentamento da morte por homicídio, onde se busca um culpado e um motivo (TOCHETTO; CONTE, 2022). Além disso, acredita-se que a culpa, assim como o restante das emoções, carregam informações valiosas acerca do luto vivido, e uma maneira de perceber a culpa do sobrevivente é levantada por Fukumitsu (2019), em que essa emoção funciona como a subestimação da ação ser intencionalmente provocada pelo falecido, dessa forma, a culpa é uma emoção que expressa a

negação de que o suicídio dependeu exclusivamente do sujeito que o praticou. Considera-se que isso contribui para que seja tão comum o sentimento de impotência nos enlutados por suicídio (FUKUMITSU, 2019), já que é impressionantemente árdua a tarefa cognitiva de compreender como alguém pode desejar tirar a própria vida, ou o questionamento como o de que forma se colaborou para que a vida fosse tão indesejada pelo falecido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso se debruçou em compilar, sistematizar e sintetizar uma vasta gama de estudos empíricos e teóricos que se implicam em compreender o fenômeno da perda por suicídio, trazendo aspectos biopsicossociais do luto da mãe que perde um filho por suicídio, e de como essa morte se repercute na família sobrevivente. Foi notável o panorama social que envolve esse tipo de perda, não restringindo-se nas explicações intrapsíquicas, apesar de também terem sido discutidas.

Percebeu-se que o desamparo experimentado pelos sobreviventes na vivência de seu luto é um reflexo do debate negligente sobre o suicídio e precária educação sobre a morte e o morrer. Há no suicídio grande estigmatização, o tema é muito comumente alvo de censura, discutido como um tabu ou, ainda, não é discutido pelo mesmo motivo. Observou-se que existem dados que são informados de maneira descuidada, com intuito de promover novas concepções de prevenção, mas que podem acabar influenciando tragicamente a vida dos enlutados, como é o caso do dado, costumeiramente utilizado em campanhas de conscientização sobre o suicídio, que a maioria dos suicídios são evitáveis, se as pessoas, em grande parte a família, estiverem atentas aos sinais deixados.

Deve-se deixar claro que acredita-se que a prevenção ao suicídio é algo imprescindível, de fato indiscutivelmente necessário, tendo em vista o crescente número de casos que acabaram classificando como uma questão de saúde pública. No entanto, deve-se esclarecer que tal prevenção não deve se desalinhar da prevenção, ou seja, não deve promover impactos prejudiciais aos que lidam diretamente com o pós suicídio, pois quando trata-se deste assunto, deve-se levar em conta também àquele que enfrentam o luto por suicídio. Há a necessidade de rever a maneira de comunicar essas informações, tendo em vista que os sobreviventes são grupo de risco para tentativa de suicídio, e ao se depararem com tais dados podem, como visto na pesquisa, resultar em maior sentimento de culpa, não surtindo efeito preventivo, mas reforçador. Além disso, deve-se dizer que há uma grande necessidade de ampliar as políticas voltadas para a assistência de prevenção, cada vez mais reduzidas.

Socialmente falar sobre suicídio é lidar com o interdito da morte, sendo ambos temas um tabu, que possuem discussões estigmatizantes, que como explorado neste trabalho têm origens históricas. O panorama social do suicídio é de transgressão, seja ela legal, já que o suicídio já foi considerado crime, seja ela religiosa, sendo considerado pecado, seja social, como um ato moralmente inaceitável. Ao analisar isso é perceptível a dificuldade de falar sobre o luto em sobreviventes, sendo esse tema envolvido por tantos mistérios e preconceitos. Acredita-se que devido a isso

notou-se uma escassez colossal nas publicações acerca do tema. Logo, é evidente que não parece ser possível quebrar as barreiras da discussão sobre o suicídio sem também promover educação sobre a morte, uma necessidade cada vez maior, tendo em vista os impactos percebidos quando tem-se que lidar com a perda.

Com isso, pode-se identificar evidências que apontam que o luto de mães que perdem seus filhos por suicídio é um fenômeno complexo, envolvido de uma grande experiência de culpa, que apesar de ser fator comum na experiência dos outros sobreviventes, se relaciona, também, com os ideais sociais de educação e cuidado, que são exigidos à figura materna, que se responsabiliza pela falha dessas funções quando seu filho decide tirar sua própria vida. Aqui, ressalta-se o caráter social da saúde mental, uma vez que o sofrimento humano deve ser entendido de forma biopsicossocial. Percebe-se como as funções socialmente construídas, e as exigências produzidas por meio dessas, atravessam a experiência emocional do ser humano, podendo contribuir na intensificação do sofrimento dos sujeitos que vivenciam o processo de luto, ainda mais os que passam por um luto não reconhecido, como no caso do suicídio, pois sem a validação das emoções e o espaço para tal, há a repressão de emoções que colaboram para o doecimento. A falta de amparo social, sobretudo através de julgamentos, é marcante na perda por suicídio. Acredita-se que urge a necessidade da discussão sobre a morte e o suicídio, de forma respeitosa, para que se contribua com a desestruturação da estigmatização desses temas.

Observou-se, ainda, as tantas particularidades que envolvem a dinâmica de elaboração do luto consequente do suicídio, de como é permeado de uma variada experiência emocional que pode ser ambígua e conflitante. Além disso, obteve-se informações de como o suicídio reflete na família, tecendo as profundas mudanças de organização familiar decorrentes. Por fim, entendeu-se que os ideais de maternidade potencializam o sentimento de culpa e crenças de fracasso experienciados pela mãe que perde um filho por suicídio. Mas, atenta-se para o fato da escassez de produções envolvendo o tema, acredita-se, assim, que este trabalho sirva como sinalização da necessidade de produção sobre a temática. Em última análise, afirma-se que os objetivos deste trabalho de conclusão foram alcançados, uma vez que encontrou-se evidências que respondem às questões levantadas pelos autores.

REFERÊNCIAS

ALVES, RF., org. **Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. ISBN 978-85-7879-192-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia Usp**, v. 25, p. 231-236, 2014.

DE PSICOLOGIA, Conselho Federal. O suicídio e os desafios para a Psicologia. Brasília: CFP, 2013.

DONATO, Helena; DONATO, Mariana. Etapas na Condução de uma Revisão Sistemática. **Acta Médica Portuguesa**, v. 32, n. 3, 2019

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. **Psicologia em Estudo**, v. 26, 2021.

FREITAS, Neli Klix. Luto Materno e Psicoterapia Breve. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções**. Summus Editorial, 2019.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. WWF Martins Fontes, 2017.

KOVÁCS, Maria Julia. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 69-82, 2013.

LEAHY, Robert L.; TIRCH, Dennis; NAPOLITANO, Lisa A. **Regulação emocional em psicoterapia: um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental**. Artmed Editora, 2013.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicologia USP**, v. 25, p. 237-245, 2014.

MOURA, MACIEL ALVES; ARAÚJO, ROBERTA LIMA MACHADO DE SOUZA. ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE FAMILIARES ENLUTADOS POR SUICÍDIO: uma revisão integrativa. **SALUSVITA**, v. 40, 2021.

OLIVEIRA, Jeanderson Vilas Boas; AMORIM, Larissa; DOS SANTOS JACINTO, Pablo Mateus. REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE SUICÍDIO: REPERCUSSÕES NAS FAMÍLIAS E ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 21, p. 103-116, 2021.

PERES, Andréa Lopes et al. Morte silenciada: o suicídio e a representação social. **Rev Ambiente Acadêmico**, v. 2, n. 1, p. 109-124, 2016.

ROCHA, Luciana Fernandes et al. Luto materno pelo filho suicida. 2007.

SCOPEL, Luana Dondé Tochetto; CONTE, Raquel Furtado. Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio. **PSI UNISC**, v. 6, n. 1, p. 98-109, 2022.

SENA, Kamylla Guedes et al. AS FAMÍLIAS E O LUTO DECORRENTE DO SUICÍDIO: REVISÃO INTEGRATIVA. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 30, n. 1, p. 314-331, 2021.

WORDEN, J. William. Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental. Roca, 2013.